

CIÊNCIA DAS QUATRO CAUSAS EM ARISTÓTELES

Rosana Costa dos Santos⁵¹

Resumo: O centro fundamental da interpretação metafísica em Aristóteles é entender como funciona o movimento de todas as coisas existentes na natureza. Logo, o título desta pesquisa é o estudo da Ciência das Quatro Causas em Aristóteles, sendo elas a formal, material, eficiente e final. A metodologia é de abordagem qualitativa, descritiva e bibliográfica. Para explicar sobre os procedimentos das causas, também analisaremos a mudança do ser como o movimento das coisas através do ato e potência. Se conhecermos as causas, conheceremos a ciência que está para a natureza do objeto. Para explicar os procedimentos das causas, também analisaremos a mudança do ser como o movimento das coisas através do ato e potência. Todo o movimento está limitado entre um estado inicial e um estado final, que evoca as mudanças de estado de seres determinados, ou seja, de sujeito para sujeito, ou de sujeito para a coisa. Até o momento, foi concluído que a investigação da ciência das causas visa conhecer a realidade do ser em busca da verdade.

Palavra-chave: Ciência; Quatro Causas; Movimento; Ato e potência.

Abstract: The fundamental center of Aristotle's Metaphysical interpretation is understanding how the movement of all things in nature works. Therefore, the title of this research is the study of Aristotle's Science of the Four Causes: formal, material, efficient, and final. The methodology is qualitative, descriptive, and bibliographical. To explain the procedures of causes, we will also analyze the change of being as the movement of things through act and potency. If we understand the causes, we will understand the science that relates to the nature of the object. To explain the procedures of causes, we will also analyze the change of being as the movement of things through act and potency. Everything movement is limited between an initial and a final state that evokes the changes in the state of determined beings, that is, from subject to subject, or from subject to thing. At the moment, it has been concluded that the investigation of the science of causes aims to understand the reality of being in search of truth.

⁵¹Graduada em Arquivologia pela Universidade Federal da Bahia (2025) e em Filosofia pela Faculdade São Bento da Bahia (2014). E-mail: rosana.csantos.br@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-2879-8007>.

Keywords: Science. Four Causes. Movement. Act and Potency.

1 INTRODUÇÃO

A filosofia do ser para Aristóteles exprime a ciência das causas que investiga a essência das coisas. Na realidade, existem inúmeras causas, no entanto, esta pesquisa direciona a sua análise para o estudo dos quatro modos de ações em Aristóteles na prática. A ciência das causas é a ciência do conhecimento da verdade que está para a realidade das coisas. O caminho da ciência está em saber enquanto a praticidade é a ação. A ciência se diferencia da experiência analisando o princípio das causas e apresentando o sistema demonstrativo sobre o qual a finalidade está em si mesma.

Sobre a ciência, o conceito aristotélico implica uma hierarquia, ou seja, a diferença entre o que é considerado importante para um determinado fato. Na concepção dele, a ciência primeira é aquela que investiga os princípios da causalidade, por isso ele se torna a ciência mais elevada, que é a metafísica. A ciência segunda se ocupa da partícula, ou seja, a física. Outra diferença também colocada por Aristóteles é a ciência substancial que é “por si” na essência, e a ciência accidental que acontece por causas fortuitas relacionadas com a aparência na demonstração e na estrutura.

Baseada nesta linha hierárquica da ciência, então o norte da questão está em como compreender o estudo que analisa a Ciência das Quatro Causas em Aristóteles? Com base nessa análise, o objetivo geral está em explicar a Ciência das Quatro Causas em Aristóteles, seguido dos objetivos específicos que visa percorrer o feito pelo filósofo para chegar ao estudo desses quatro modos de causalidades que está em:

- a) compreender a atuação da potência e ato para o movimento do ser
- b) descrever a causa como princípio do movimento do ser
- c) identificar quais são ciência das quatro causas analisadas por Aristóteles

Logo, para Pellegrin (2010, p. 16) a origem do substantivo “causa” é o vocábulo grego *aitia*, que significa ser responsável por alguma coisa ou propriedade. Existem muitos estudos sobre a causalidade, contudo, Aristóteles desenvolveu, com mais ênfase, os quatro modos de ação da causa. Por isso, a filosofia da natureza, pelo qual tem certo princípio fora de si que age

(*Física*, II 1, 192 b 8). Como afirma o filósofo, nada é causa de si mesma, nada produz ação em si, mas produz tendo o outro como pressuposto. Sendo assim, como nada é causa de si, e para que o movimento do ser tenha efeito, então, alguma ação externa ocasionará para que aconteça a mudança do ser. Antes de prosseguirmos, trataremos na seção seguinte sobre a metodologia.

2 METODOLOGIA

Para a construção dos estudos sobre os quatro modos de causa com base em Aristóteles foram adotadas uma abordagem qualitativa, que segundo Prodanov e Freitas (2013), o pesquisador tem o contato direto com o ambiente e o objeto estudado pela sua natureza e essência.

Quanto ao nível de pesquisa, se caracteriza como uma pesquisa descritiva que, “visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis, de acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 52)”. O que envolve é a análise visual do objeto ou fato estudado.

A metodologia é bibliográfica, segundo Gil (2002, p. 45) é feita a partir de outros materiais produzidos, em especial, no que tange sobre os estudos em Aristóteles. A pesquisa bibliográfica facilita a amplitude da extensão de outras fontes para o conhecimento de quem também está fazendo essa mesma pesquisa.

A metodologia bibliográfica consistiu na consulta da leitura corrente como as obras *Metafísica* e *Física* I e II. Aristóteles adota o método próprio de localização, tanto que o capítulo, ele denomina livro (exemplo: Livro I, Livro II, e assim por diante). Os capítulos, por assim dizer, são a seção ou coluna, podendo ser a identificada pelas letras “a” ou “b” e a linha (Nome da obra aristotélica, número do livro, número do capítulo, seguido da coluna, indicando a letra “a” ou “b”, e número da linha do parágrafo) referente a citação do filósofo.

Além da consulta a obra de Aristóteles, também teremos como base alguns autores que analisaram sobre a causalidade do ser ao mencioná-los em suas pesquisas. Assim como também foi acrescentada as informações do livro de referência informativa como “Vocabulário em Aristóteles”, de Pellegrin (2010), que possibilita a obtenção específica dos termos utilizados por ele.

3 A CAUSA COMO PRINCÍPIO DO MOVIMENTO DO SER

O centro fundamental da interpretação metafísica de Aristóteles é de entender como funciona o movimento das coisas da natureza, e assim como em saber quem é o princípio de todas as causalidades. “Todo o movimento está limitado entre um estado inicial e um estado final (Bréhier, 1977, p. 165)” que evoca as mudanças de estado de seres determinados, ou seja, de sujeito para sujeito.

O princípio da causalidade do movimento da potência para o ato ocorre em um determinado período do tempo e indica duas ocasiões diametralmente opostas. O movimento indica a ação de duas ocasiões diferentes do mesmo ser, que de certo modo agem em momentos diferentes passando de potência para o ato, ou a atualização do ser. O movimento é, evidente, um ato, mas um ato incompleto (*Metafísica* XI 9, 1066 a 19-20). O ser em potência não está em ato, mas tem a tendência de para ser em ato.

Como Aristóteles (2002) aponta, não existe o movimento da substância por não existir nada que seja contrária à substância, e nem dos relativos, às que existem, é somente por acidentes em ações fortuitas. Não existe movimento entre o movente e o movido, nem entre a geração e corrupção, nem a mudança da mudança e nem o movimento do movimento. O movimento ocorre em direção aos contrários de sujeito para o sujeito, ou intermediários, que muda antes de chegar para a finalidade da mudança e é contínua. Dessa maneira, a mudança do movimento inicia, partindo de algo em direção para alguma finalidade, e durante essa mudança não ocorre a transformação da matéria.

O movimento do ser sempre ocorre dentro das categorias do ser, pois, conforme diz Aristóteles (*Metafísica*, XI 9, 1065b 5), a mudança é em qualidade, quantidade e lugar por existir a contrariedade. Pellegrin (2010, p. 44) explica que “a mudança de movimento de qualidade é alteração, segundo a quantidade é o aumento ou a diminuição e de lugar é transporte ou translação”, a movimentação de algo, como veremos na explicação em Aristóteles a seguir:

Em todo movimento há o movente próximo, o objeto movido, o tempo no qual ocorre o movimento e, enfim, aquilo de que parte e a que tende o movimento. Ora, as formas, as afecções e o lugar que constituem os termos aos quais tendem os movimentos são imóveis, por exemplo, a ciência e o calor: de fato, o movimento não é o calor, mas o processo do movimento (*Metafísica* XI, 11, 1067b 7-12).

Segundo Aristóteles (2002), o movente é o motor que age, é o ser causador do movimento e o movido é aquele que sofre a ação durante o movimento do ser ao ser, ou seja, durante o movimento não ocorre a transformação da *matéria*. Toda mudança de movimento vem da mudança anterior ou de um objeto que está em repouso, o que a torna eterna. Como foi mencionado pelo filósofo, neste exemplo citado acima, o calor é tido como a substância que,

por sua vez, não é movido, então, o calor não é o movimento. O aquecimento é o que poderíamos dizer que é o movimento, segundo a ciência intuitiva.

Conforme Bernhardt (1973), o reconhecimento pela diferença na causalidade está no movimento da atuação do ser, entre o antes e o depois pelo período da mudança no tempo. O movimento é contínuo no tempo e a delimitação de suas partes permanece na *matéria* do ser. A continuidade do movimento em dois momentos do ser ocorre sem interrupção, como a *potência* movendo para o *ato*.

Bréhier (1977) complementa que o movimento caminha em sentido único, é simples e complexo. Se o movimento desenvolve uma direção simples, não é completo, pois se for assim, será desconsiderado o caminho inverso, mas que manifesta a unidade da intenção. Se o movimento é complexo, eis que deixa de ser simples, logo que o ser segue, sucessivamente, por diferentes direções. O movimento se define não pelo que é, mas pelo que se realiza na essência do ser. O movimento não é a substância, mas o atributo da substância.

A substância, para Pellegrin (2010, p. 49), pode ser traduzida por *ousía*, termo de origem grega, que “significa duas coisas diferentes como a *forma* e o composto da *forma* e *matéria* (Pellegrin, 2010, p. 60)”. A análise de uma substância composta resolve-a nesses dois elementos que são a *forma* e a *matéria*. Em alguma situação, a *matéria* pode se comportar como substância. A *matéria* é a capacidade de ser que se realiza através da *forma*. A *matéria* está para a *potência*, assim como a *forma* está para o *ato*, e a *potência* se movimenta para o *ato*. Para entendermos o processo para o início do movimento, estudaremos o ser da *potência* como o princípio da mudança.

3.1 Potência Como o Princípio Da Mudança

A *potência* do ser é o princípio da mudança que ocorre, vem antes de completar o movimento, ela deve ser primeira e é a causa para as conclusões do ser. Para Aristóteles (2002), a *potência* é o processo de movimento do ser que se encaminha para o oposto sem proceder do não-ser, cuja tendência para o *ato* inicia-se através de uma ação, ou mudança para uma finalidade, realização. Ou, mesmo que se tenha chegado a um fim, pode iniciar uma nova mudança que é a continuidade do ser para uma nova finalidade. O ser sempre está passando por uma atualização, que é o movimento e procede dentro de um intervalo de tempo. A *potência* do ser se encaminha para o *ato* da ação da causa que pode ser de deslocamento, crescimento e nascimento.

Para um princípio de transformação, existe algo que diferencia aquilo sobre o que ocorre a transformação por completo. Como também ocorre o processo de mudança imediata da matéria entre o não-ser para o ser pela transformação da estrutura. Se o ser que está em *potência* não for para ser em *ato* não terá sentido. De acordo com Pellegrin (2010, p. 49), “a *potência* como toda a forma de poder, de força e de capacidade, indica uma coisa ou uma função”. Nas palavras de Aristóteles:

Todas as potências conformes à mesma espécie são em certo sentido, princípios, e são ditas potência em relação àquela que é potência em sentido primário e que é princípio de mudança em outra coisa ou na mesma coisa enquanto outra. De fato, existe uma potência de padecer a ação, que é, no próprio paciente, o princípio de mudança passiva por obra de outro ou de si mesmo enquanto outro; e existe uma potência que é a capacidade de não sofrer mudanças para pior, nem destruição pela ação de outro ou de si enquanto outro por obra de um princípio de mudança. Em todas essas definições está contida a noção de potência em sentido originário (Metafísica IX 1, 1046 a 12-18).

O ser inicia o processo e age tanto como o motor que move, aquele que exerce a ação, assim como o objeto que sofre a ação. Podemos dizer que o ser, de certa forma, é parcialmente passivo e ativo, dado que, ao mesmo tempo em que o ser tenha concluído do processo do movimento de atualização, o ser está apto a iniciar uma nova mudança. Quando o ser finaliza esse processo de movimento, ele retorna para o início, voltando a ser *potência*. Aristóteles (2002) levanta um estudo feito por outros pensadores sobre o conceito de *potência*, que o ser será como *potência* somente no momento que está atuando, enquanto estiver parado ele deixa de ser *potência*.

Contudo, o filósofo desconsidera que o ser deixa de ser *potência*, mesmo quando não está atuando, como o exemplo, que consta no nono livro da *Metafísica*, quando trata do construtor que não está construindo no momento, mas não significa dizer que ele cessou de ter a habilidade para construir (3, 1046 b 35). Entretanto, quando ele está privado de *potência*, pode-se afirmar que o *ser* está impedido de atualização. Quando isso acontece estamos, afirmamos que o ser é incapaz de se atualizar, ou seja, deve haver algo de errado para sua ação. Se isso ocorresse, o ser que estaria parado e não conseguiria se movimentar: a *potência* que não passa para o *ato*. Todavia, o mesmo ser que está para a *potência* pode atualizar-se para ser um ser em uma função diferente do que ele era antes.

O pensamento para Aristóteles (2002) não é *potência* por não ser objeto e nem pessoa, ou seja, não é algo que chamamos de *matéria*. O pensamento é uno, de sorte que se a *matéria* também é uma somente viria a ser em *ato* aquilo cuja *matéria* existia em *potência* (*Metafísica* I, 1, 1069 a, 32-34, 1048 b, 1-6). Os objetos do pensamento assim como os desejos são os fatores

que não existem e, portanto, não estão em movimento e não são *matéria*. São objetos, digamos a *matéria*, que estão por se projetarem e estão em *potência*, mas nunca em *ato*. A *potência* do ser movimenta para o *ato*, e alcança seu pleno exercício numa *matéria* perfeitamente apropriada como veremos, a seguir, a realização do ser.

3.2 Ato como a realização plena do Ser

Assim, afirmou Aristóteles (2002) que *ato* é a essência do ser quando chega ao seu estado final do movimento do ser para o ser, ou da transformação do não-ser para o ser, sendo que o ser cumpriu o estado da mudança. O *ato* é aquele que se define em oposição a *potência*, quando deixa de ser *potência* para ser em *ato*, é aquele que está sendo realizado no momento. O ser que se diz que é *ato*, é porque ele é, ou porque ele existe. Segundo ele, o *ser* está em *ato* quando o objetivo final foi alcançado, concluído, é o estado mais elevado do ser em sua completude, de sua realização.

Todas as substâncias sensíveis que apresentam *matéria* na *forma* têm uma mescla de *potência*, dessa maneira podemos dizer que o *ser* está para o *ato*. Para a substância suprassensível, é a substância que não tem *matéria*, não vem a ser o *ato*, pois o ser é o *ato* desprovido de potencialidade, ou seja, *ato puro*, o *ato* que vem antes da *potência*, que fundamenta a *potência*. Para Aristóteles, o ser que é a substância suprassensível, que é apenas o *ato* é o estado mais elevado do ser em sua completude realização.

O termo ato, que se liga estreitamente ao termo entelêquia, mesmo que se estenda a outros casos, deriva, sobretudo, dos movimentos: parece que o ato é, principalmente, o movimento. Por essa razão não se atribui o movimento às coisas que não existem, mas se lhes atribui os outros predicados: por exemplo, pode-se dizer que as coisas que não existem são pensáveis e desejáveis, mas que não estão em movimento. E isso porque, mesmo não sendo em ato, deveriam ser em ato. De fato, entre as coisas que não são, algumas são em potência, mas não existem de fato porque não são em ato (*Metafísica IX, 3, 1047 a 30-34, 1047b 1-3.*)

O termo *entelêquia*, como Aristóteles (2002) denomina, também que o ser associado a realização, ao fato consumado, acontecimentos do ser que foram definidos até o momento. Para o pensamento e o desejo, como foi exemplificado no tópico anterior – *Potência como Princípio da Mudança* – não é tido como *potência* e nem em *ato*, e não está em movimento. O pensamento poderia ser considerado como *ato*, pois são através dessas ações abstratas que se inicia a ação, para uma projeção do que fazer, ou atuar. O *ato* é a presença do ser, não necessariamente como *potência*, pois o ser, por exemplo, que é saudável, o oposto é a doença. Todo o ser que está em *potência*, tem a tendência para mudar para o *ato*.

Pois não é necessário buscar definição de tudo, mas é preciso contentar-se com compreender intuitivamente certas coisas mediante a analogia. E o ato está para a potência como, por exemplo, quem constrói está para quem pode construir, quem está desperto para quem está dormindo, quem vê para quem está de olhos fechados, mas tem a visão, e o que é extraído da matéria para a matéria e o que é elaborado para o que não é elaborado. Ao primeiro membro dessas diferentes relações atribui-se a qualidade de ato e ao segundo a de potência (*Metafísica IX*, 6, 1048 a 35-36; 1048 b).

Aristóteles (2002) reitera sobre a complexidade da abstração para explicar o movimento de *ato* e *potência*, sendo que, nem sempre teremos a resposta para explicar a origem das causalidades. Às vezes, será necessária a compreensão do ser através da percepção do imaginário que nem sempre será totalmente definido. O ser apresenta muitos significados, porém, com um significado determinado para unicidade do movimento do ser, que está ao mesmo tempo entrelaçada com o movimento da *potência* que passa para o *ato* e novamente se movimenta.

O *ato* e a *potência* não estão separados, mas estão associados, algo pode existir em *potência*, que não está privado de ser para *ato*. Como também uma ação do ser não chegou a um fim, mas que chegou à metade do caminho para continuar o movimento, como todo o movimento que está se completando. Analisaremos na seção a seguir quais são as ciências das quatro causas e como elas se comportam em busca do “porquê” das coisas.

4 A CIÊNCIA DAS QUATRO CAUSAS EM ARISTÓTELES

Aristóteles define a ciência que busca discernir as partes implícitas na descrição genérica, e para a explicação mais completa sobre o que é aquela coisa (*Física I* 1, 184 b 10-2). Conforme Berti (1998), a ciência está para conhecer o “porquê” das coisas da verdadeira necessidade, pois o seu efeito depende da existência da causa. Através desta demonstração será assegurada que o conhecimento constitui a ciência e pode ser entendida como a razão que define a realidade e a necessidade para as conclusões. Se conhecermos as causas, então conheceremos a ciência. Neste estudo aristotélico sobre a causalidade, serão divididos em quatro para a maior compreensão como a causa formal, que será visto a seguir, material, eficiente e final.

4.1 A Causa Formal

Esta subseção será abordada sobre a causa formal e que Bernhardt (1973) a define a partir da noção de *forma* aristotélica “como estrutura da substância, como determinação

essencial e unificadora do ser, é o elemento, é o elemento inteligível do composto (Bernhardt, 1973, p. 142)”. Com frequência a *forma* está associada à substância, daí também que podemos confirmar a verdade substancial por terem as mesmas características.

Pellegrin (2010) explica que a *forma* para o contexto aristotélico, apresenta muitos significados. Ora, por um lado, esse vocábulo possui a origem grega no termo *morphé* para o termo mais amplo, e, por outro lado, se origina do termo *eidos*, que seria mais adequado para a realidade formal, revelando o que está por trás do ser visível, o que constituindo a verdadeira essência. Portanto, se a sua definição for pelo *eidos*, que significa ver, revela o que vai além da aparência, a verdadeira natureza do ser.

Uma das definições da *forma* é o belo, agradável e harmonioso. Se a *forma* for definida conforme os aspectos externos, será baseada na aparência como o “belo” e “agradável”. A *forma* aristotélica apresenta a intenção de revelar o invisível através do que é observado na *matéria*, ou em algo exterior, e esse algo que está por trás a ser desvendado é a “verdadeira natureza do ser da coisa (Pellegrin, 2010, p. 32)”. A *forma* é natureza mais do que *matéria*, pois a essência da coisa é encontrada na definição do ser (*Física* II 1, 193 b 6). Conforme Bréhier (1977), a essência ou *forma* é um ato por excelência por ser algo pertencente ‘a coisa’ e por explicar a propriedade em decorrência dela. O ser em *potência* que está para ser em *ato* é a *forma* pelo princípio de organização da coisa unida com a *matéria* para informar.

A substância indica muitos significados que “vai da *matéria* à essência e ao indivíduo concreto (Reale, 2002, p. 93)”. A *forma* age como a causa primeira do ser e todas as características dadas da *forma* é a da própria substância. A *forma* é um ser que não se predica do outro, a *forma* inserida na *matéria* informa o que é a *forma*. A *forma* é a unidade pela qual o *ato* do intelecto é indivisível e determinado, e não está separado da substância. Veremos na citação abaixo a semelhança entre o ser sensível e o ser suprassensível para compreender a *forma*:

Em primeiro lugar, eles, tentando apreender as causas dos seres sensíveis, introduziu entidades suprassensíveis em número igual aos sensíveis: como alguém, querendo contar os objetos, considerasse não poder fazê-lo por serem os objetos muito pouco numerosos, e, ao invés, considerasse poder contá-los depois de ter aumentado seu número. As Formas, de fato, são em número praticamente igual – ou pelo menos não inferior – aos objetos dos quais esses filósofos, com a intenção de buscar suas causas, partiram para chegar a elas. Com efeito, para cada coisa individual existe uma entidade com o mesmo nome; e isso vale tanto para as substâncias como para todas as outras coisas cuja multiplicidade é redutível à unidade: tanto no âmbito das coisas terrenas, quanto no âmbito das coisas eternas (*Metafísica* I, 9, 990 b, 1-8).

Nesta citação, Aristóteles refere-se ao ser da *forma* inserido na *matéria* para dizer sobre o que é aquela coisa. A *forma* será capaz de caracterizar e definir sobre o que existe em comum

entre as substâncias sensíveis e a suprassensíveis. Sendo que a substância é a própria *forma*, então ela exprime que existe essa substância. O ser sensível somente pela *matéria* seria insuficiente para explicar sobre o que é aquela coisa. Então, ele atribui ao ser sensível as características dos seres suprassensíveis que é composta de *ato puro* para defini-lo. Quanto ao objeto, Aristóteles considera que precisaria de algum recurso adequado para saber a sua quantidade existente, sendo ainda se fosse contado não seria possível saber a quantidade.

A *causa formal* está para o valor atribuído, o princípio determinante e a natureza íntima de cada coisa física. Um princípio de causalidade define que algo deverá ser exatamente aquela determinada coisa e não outra, e será a condição principal da existência das coisas. A fórmula ou a essência das coisas que o objeto apresenta são as partes de um todo que forma a essência. Aristóteles atribui à semelhança o número entre as *formas* em geral para explicar sobre o que é o objeto e as causalidades do gênero. Como a unidade se opõe a multiplicidade, a *forma* tem em si a causa da própria da continuidade do ser. A *forma* é tida como a unidade porque, além de ser a própria unidade, dá a unidade a *matéria* que transmite a informação. A *forma* é unidade enquanto ela é contínua ou enquanto ela é um todo. A complexidade do ser em várias *formas* se reduz a unicidade.

A *forma* vem antes de tudo e pode ser igual ou superior a coisa. Em alguns momentos, a *forma* é a combinação da *matéria*, e em outras a *forma* é apenas a *forma pura*, é *forma* desprovida de materialidade. A *forma* na presença da *matéria* apresenta um processamento de *ato e potência*. Para toda a *forma* que apresenta *matéria* tem como mescla a *potência*. Contudo, se a *forma* não apresentar qualquer que seja algum tipo de *matéria*, será apenas *forma pura*, sem a materialidade e de qualquer potencialidade. A *forma* sem a *matéria* será, simplesmente, como o *ato*, ou seja, *ato puro*.

Um exemplo para explicar como funciona a *forma*, diferenciando da *matéria* é a seguinte: Joãozinho é uma criança que, anos depois, cresceu, se desenvolveu e tornou-se uma pessoa adulta, passou a ser o senhor João. Vemos a fase de crescimento do senhor João. A mudança do ‘ser’ ocorreu sobre a *matéria*, pois João é o mesmo nestes dois momentos. A *matéria* mudou, contudo, a *forma* permaneceu sendo a mesma. Quando dizemos que ‘Joãozinho é uma criança’, o João é o ser (*matéria*) que foi mudado.

Quando dizemos a ‘criança’, nos referimos à essência que caracteriza o ser que nunca muda, da mesma maneira quando dizemos sobre o homem. O João adulto é o mesmo João quando era criança, mas quando se refere a palavra ‘homem’, não necessariamente, será a mesma pessoa. Até o momento foi visto o exemplo do que é e como funciona a *causa formal*

assim como também foi visto uma parte do que seja a *causa material*, sendo que esses dois elementos estão ligados uma à outra. Agora passaremos para a definição, com mais detalhes, o que é a *causa material* que está para a construção do ser.

4.2 A Causa Material

Na concepção de Pellegrin (2010, p. 43) “o termo *matéria* vem de origem grega *hýle*, que significa madeira apta para a construção”. A *causa material* corresponde à receptividade da *matéria* e é aquilo de que é feito tal coisa. A natureza da *forma* determina o ser em dualidade mais visível com a *matéria* que, conforme a apropriação lhe é conveniente organizar. Para Bréhier (1977) a *matéria* é o conjunto de condições que devem ser realizadas para receber a *forma*.

Para Bernhardt (1973) a *matéria* é a potência referente a *forma*, e também referente a indeterminação que somente é absoluta no grau mais baixo se for para a *matéria primeira*⁵² como o fogo, o ar, a água e a terra que está no modo mais abstrato como o quente, o frio, o seco e o úmido. A *matéria primeira* é a *matéria* pela qual a estrutura do ser não desgasta com o passar do tempo e possuem movimentos eternos na natureza.

Aristóteles (2009) exemplifica a *causa material* como as letras para as sílabas, o *material* para os objetos fabricados, as partes para a totalidade como a causa como a questão: “Isso é feito de quê?” A natureza essencial da coisa quando não está inserida na *forma* é a *matéria*. Na citação abaixo, Aristóteles (2002) explica o que é a *matéria*:

Todas as substâncias sensíveis têm matéria. E substância é o substrato, o qual, em certo sentido, significa a matéria (chamo matéria o que não é algo determinado em ato, mas algo determinado só em potência). [...] É evidente que também a matéria é substância. De fato, em todas as mudanças que ocorrem entre os opostos há algo que serve de substrato as mudanças. Por exemplo, nas mudanças de lugar há algo que agora está aqui e depois alhures; nas mudanças por crescimento há algo que agora tem determinada grandeza e depois se torna menor ou maior; nas mudanças por alteração há algo que agora é sadio e em seguida enfermo (Metafísica VIII, 1, 1042a 33-36).

A *matéria* como causa organizadora do ser possibilita a unidade da *forma*. Todas as substâncias que apresentam *matéria* na *forma* estão sujeitas a mudança dos seres sensíveis. Pellegrin (2010) diz que a *matéria* como substrato, que forma a parte essencial do ser, ordena a multiplicidade do ser como suporte único do sujeito para os predicados. O próprio Aristóteles (2002) confirma que a *matéria* é a substância por possuir as mesmas características que a

⁵²BERNHARDT, Jean. *Aristóteles*. In: CHÂTELET, Francois (org). História da Filosofia. Trad. Maria José de Almeida. 2.d. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. p.142.

substância. Porém, na ausência da *forma* sobra somente a *matéria* da coisa, que seria a *potência pura* e não tem referência a nada real.

Toda a mudança acontece em direção ao seu oposto. Nesta citação, Aristóteles (2002) refere a mudança da *matéria* quanto ao movimento que está para as *categorias*, que muda conforme as suas características, e não, nesta situação, para a transformação do ser. Sobre as mudanças nas *categorias* as mudanças ocorrem em quantidade, qualidade e lugar. A mudança de lugar é o deslocamento realizado pelo ser de um ponto a outro em um determinado intervalo de tempo. O lugar poderia ser traduzido por espaço e é o limite do corpo envolvente no local onde ele toca o corpo envolvido.

A quantidade da *matéria* é o que se diz ao que é indivisível em partes imanentes e das quais cada parte é algo uno e determinado. Chama-se grandeza o que é divisível em partes não contínuas, podendo alterar quanto a sua dimensão. A qualidade da *matéria* significa a diferença dos corpos que se alteram quando mudam, e está para caracterização da natureza do ser. Aristóteles exemplifica quanto a saúde podendo adoecer. Até o momento foi analisado os três exemplos da mudança do ser quanto às características, e não quanto à mudança do ser. A substância, nesse sentido, seria aquela que permanece inalterável quanto a sua estrutura e às características. No entanto, em alguns momentos Aristóteles (2002) considera a possibilidade de a substância ser matéria:

Portanto, para quem considera do ponto de vista, segue-se que substância é a matéria. Mas isso é impossível; pois as características da substância são, sobretudo, o fato de ser separável e de ser algo determinado: por isso a forma e o composto de matéria e forma parecem ser mais substância do que a matéria (Metafísica VII, 3, 1029 a 27-35).

Aristóteles (2002), mediante a sua reflexão ele afirma que a substância é a *matéria* quando ela está unida a *forma* como algo determinado e o ser separado (analisado separadamente sobre a *matéria* e a *forma*). Segundo Jean Bernhardt, a *forma* e a *matéria* distinguem-se em relação à hierarquia, quanto a si mesmo entre o mais determinado que o outro, entre o mais perfeito que o outro e quanto a escala do ser. Toda a *matéria* é substância, mas nem toda a substância é *matéria*, e nesta lógica de Aristóteles considera que a *matéria* possui pelo menos um título que seja a substância. No sentido muito insuficiente a *matéria* é a substância, mas, de alguma maneira, a *matéria* tem algumas características da substância. O que faz a *matéria* ser uma coisa determinada? Se a *matéria* é indeterminada, então a *forma* determina a *matéria*.

E dado que a coisa deve ser dada e existir previamente, é evidente que se investiga por que a matéria é uma coisa determinada. Por exemplo, este material é uma casa:

Por quê? Porque está presente nele a essência da casa. E se pesquisará do seguinte modo: por que esta coisa determinada é homem? Ou: por que este corpo tem estas características? Portanto, na pesquisa do porquê busca-se a causa da matéria, isto é, a forma pela qual a matéria é algo determinado: e está é, justamente, a substância (Metafísica VII, 17, 1041 b 5-9).

Aristóteles (2002) investiga a origem da causalidade *material* presente em cada coisa. Se uma coisa é determinada é porque apresenta a *forma* particular que caracteriza e por ser algo da natureza. Na citação estão três exemplos dos problemas da causalidade – a casa, a forma e o corpo – cujo questionamento levantado está na essência que responde estando em si mesma, caracterizando a *matéria* na *forma*. As características da casa, ou a do homem são referentes sobre os aspectos aparentes definindo na *categoria* a qualidade do ser que determina a *matéria*, e este por ser inserida na *forma*. O ‘porquê’ indica a origem da construção, a causa que é a substância.

A mudança da matéria na substância ocorre de maneira descontínua e imediata do não-ser para o ser, ou o contrário, do ser para o não-ser, quando a substância vem a surgir, ou se ela existe, tende a desaparecer. Não existe o movimento da substância, logo, o contrário seria a inexistência da substância. Todo o movimento muda em direção ao seu contrário. O movimento do ser se move para uma finalidade, ou intermediários, que é o movimento que muda antes de concluir o movimento.

Toda mudança de movimento, do ato e potência, acontece dentro das *categorias* do ser que atribui característica a uma coisa como qualidade, quantidade e lugar, sendo que a matéria não é alterada. Existem três gêneros de substância, duas são de natureza sensível – corruptível e incorruptível – e a outra é a substância suprassensível, que é a imóvel, ou seja, a que move sem que ela seja movida e é a primeira causa do ser.

O ser sensível corruptível sofre todos os tipos de mudança como de qualidade, quantidade, lugar, geração e corrupção. A *matéria* presente na *forma* tende a se deteriorar. Se alguma coisa existe na natureza, existe por causa de alguma ação externa a ele, pois nada surge do nada. O homem é gerado por outro homem e a cadeira é construída pelo homem.

A natureza do ser sensível e incorruptível é aquele que, apesar de apresentar a *matéria* na substância, não se corrompe. O ser movimenta eternamente sem que haja alteração, aumento e diminuição da *matéria*, e nem é passível de nascer ou de morte. A mudança do ser que ocorre será apenas de lugar, de um local para o outro passando de *potência* para o *ato*. A *forma*, enquanto realizada, é chamada *ato*. A *matéria*, enquanto se dispõe para receber a *forma*, é

chamada de *potência*. O movimento é o *ato* incompleto do ser que existe em *potência* que não está para os seres sensíveis e incorruptíveis.

E nem mesmo o movimento eterno, se existe movimento eterno, é em *potência*. E se existe algo eternamente movido, nem mesmo este pode ser movido segundo a *potência*, mas só de um lugar ao outro. E nada impede que exista uma *matéria* própria desse tipo de movimento. Por isso, o sol, os astros e todo o céu são sempre em *ato*: e não se deve temer que eles em certo momento se detenham, como temem os físicos. Eles também não se cansam de cumprir seu curso, porque seu movimento não é, como o das coisas corruptíveis, ligado com a *potência* dos contrários, o que tomaria fatigante a continuidade do movimento. E a causa dessa fadiga está no fato de que a substância das coisas corruptíveis é *matéria* e *potência* e não *ato* (Metafísica IX, 8, 1050 b 20-30).

Aristóteles faz referência ao movimento dos seres sensíveis e incorruptíveis, que se movem na natureza mudando de um lugar para o outro. Para o movimento eterno não haverá *potência*, pois, apesar de possuir *matéria*, ela não se deteriora, não sofre alteração e nem se corrompe. A única mudança que ocorre na *matéria* é de lugar. Desse modo, a *matéria* própria é *matéria primeira* presente na substância e se movimentam, constantemente, na natureza sem se cansarem, ao exemplo do sol, água, terra, ar, entre outros.

Vimos a definição da *causa material* como algo indeterminado, sob o qual, a *forma* é quem determina o ser. As duas primeiras causas – *formal* e *material* – são internas, ou seja, que estão em si. Contudo, veremos na próxima subseção que existe a ação da causalidade que é externa ao ser como a *causa eficiente*.

4.3 A Causa Eficiente

Para Reale (2002, p. 54) “a causa eficiente ou motora é aquilo que provém da mudança e do movimento” da coisa e está para a ação externa. Das quatro causas, a *eficiente* é externa. Enquanto a *causa formal*, *material* e *final* é provocada pela ação do próprio ser que, a *causa eficiente* do ser sofre a ação externa distinta da coisa. Sobre a mudança do ser, conforme as colocações de Aristóteles (2002), existe uma diferenciação quanto ao movimento e quanto à substância. Sobre a mudança de movimento não ocorre transformação da substância, a mudança sobrevem entre as *categorias* de lugar, quantidade e qualidade, como foi mencionado na subseção anterior, pois a *matéria* não altera. E na mudança da substância que não é a mudança de movimento, porém de transformação da *matéria* como a geração e corrupção, vai do não-ser ao ser (geração) ou, ao contrário, ser ao não-ser (corrupção).

A mudança do ser como a geração e a corrupção muda conforme a estrutura da substância. Um exemplo a ser citado é de um ser humano que provém de um ser humano, ou a

cama que foi construída por uma pessoa. Se algo existe, algo externo a ele foi a causa para a existência desse algo. O processo de geração e corrupção não se dá pela alteração de seus componentes e nem por separação. Neste caso, a mudança é a totalidade da transformação. Os fatores externos agem atuando no ser causando a mudança.

E dado que não só os elementos intrínsecos às coisas são causas, mas também alguns fatores externos às coisas como, por exemplo, o movente, é claro que é preciso distinguir o princípio e elemento e ter presente que ambos são causa, e também deve-se distinguir o princípio em intrínseco e extrínseco e que o que produz o movimento ou a inércia é um princípio e uma substância. Portanto, os elementos analogicamente entendidos são três, enquanto as causas e princípios são causas. Todavia, estes são concretamente diferentes nas diferentes coisas, e também a causa motora próxima é diferente nas diferentes coisas. Por exemplo: no que tange à saúde, enfermidade e corpo, a causa motora é a arte médica; no que concerne à forma da casa, a este material desordenado e a estes tijolos, a causa motora é a arte de edificar (Metafísica XII, 4, 1070 b, 21-29).

Nesta citação, Aristóteles (2002) refere ao princípio e elemento como o motor que age no ser como fatores externos da mudança da causalidade. Os elementos intrínsecos são responsáveis pelas causas internas – *formal, material e final* – inerentes do ser, e o extrínseco, algo que está fora dele e também atua sobre o ser, é o motor que move e esse motor é a substância. O princípio extrínseco pode ser tanto o *motor móvel* capaz de mover e ser movido como o *Motor Imóvel* responsável pelo primeiro movimento da causalidade. O *Primeiro Movente* move sem que ele seja movido, ou a inércia (que não se move) do princípio da substância primeira. O elemento é a demonstração do primeiro componente e indivisível em outra espécie, não pertencente às espécies diferentes.

Os três elementos da causalidade – *formal, material e final* – são características próprias da coisa. A causa e os princípios da causa que estão além dessas três é a *causa eficiente* que tem uma ação diferente em diferentes momentos. Aristóteles (2002) exemplifica que a ação dos momentos da *causa eficiente* para a saúde na enfermidade do corpo é diferente da *causa formal* e *material* para a construção da casa. Haverá uma força externa que produzirá a mudança. Dessa maneira, segundo ele, “nada se move por acaso e sempre tem uma causa (Metafísica XII, 6, 1071 b 35)” e essa causa é a *causa motriz*. Logo, poderá tanto haver uma força inerente como extrínseco ao ser que serão os responsáveis pela mudança.

Existem dois motores, sendo que um será o primeiro e o outro o segundo. O motor primeiro é o *Motor Imóvel* que move sem que ele seja movido, e o outro é o motor segundo que move e é movido pelo outro motor. Esses dois motores serão responsáveis por atuarem, constantemente, na natureza causando o movimento. Até aqui vimos a definição da *causa*

eficiente, uma causa externa responsável pela mudança do ser. A *causa eficiente* age por uma realização que está para a *causa final* como veremos na próxima subseção.

4.4 A Causa Final

Aristóteles define a *causa final* como a busca da razão última da coisa natural que “*há em vista algo* (Física II 8, 199 a 7)”. Para atender a necessidade do cumprimento da função, então um órgão equivalente ao ser como uma parte ou uma totalidade, por possuir uma determinada estrutura e propriedade para a finalidade do objeto como um componente elementar. Para Pellegrin (2010), a finalidade pode ser a consequência e a realização plena do universo, não sendo originária nem por acidente e nem por acaso.

A realização completa é o fim de todas as ações da causalidade que são e vêm a ser por natureza, e a *causa final* não será possível nem por coincidência e nem espontaneamente. Tudo se faz em vista de algo conforme a natureza. Aristóteles (2009) evidencia que até, mesmo para a existência das plantas, surge algo que é conveniente para o acabamento como as folhas que protegem os frutos (Física II 8, 199 a 20). Abaixo, como pode ser visto, a última causa não pode haver o infinito.

Ademais, o objetivo é um fim, e o fim é o que não existe em vista de outra coisa, mas aquilo em vista de que todas as outras coisas existem; de modo que, se existe um termo último desse tipo, não pode existir um processo ao infinito. Se, ao contrário, não existe último desse tipo, não pode existir a causa final. Mas os que defendem o processo ao infinito não se dão conta de suprimir a realidade do bem. Entretanto, ninguém começaria nada se não fosse para chegar a um termo. E tampouco haveria inteligência nas ações que não têm um fim; e este é um termo, porque o fim é, justamente, um termo (Metafísica II, 2, 994 a, 9-16).

Um fim, que também é uma causa determinada, visa algo, ou alguma finalidade. Como Pellegrin (2010) assevera, o infinito é um problema físico e pertence a quantidade de movimento que não apresenta uma finalidade, uma realização. A finalidade visa para a causalidade necessária, em vista de um objetivo. Portanto, não existe infinidade para a *causa final* do bem supremo. A inteligência do ser está para a finalidade da razão do sentido do ser que é o termo. O fim da ação é o processo em fase terminal da atualização, da intenção sendo concluída. Será a realização do ser, sendo que toda a ação se torna o exercício para a perfeição. Será o propósito das ações e para ser o bem supremo e a sua razão que lhe é proposta.

Ide (1995) explica que através das quatro causas podemos definir uma coisa como ele exemplifica um caldeirão é um grande recipiente metálico no qual serve para aquecer e cozinhar: “Recipiente é mais *forma* e a diferença (como uma noção mais particular, mais

determinada), enquanto metálico, ou seja, o *material* é a *matéria* (Ide, 1995. p. 192).” O ser humano é o construtor do recipiente, a *causa eficiente*. A finalidade do recipiente está para aquecer e cozinhar.

Reale (2002) explica que quando vemos um objeto e queremos saber o ‘por quê’ existe aquele objeto e qual a sua utilidade, perguntamos: “Para que serve?”, “Onde usarei isso? (Metafísica II, 2, 994 a, 9-16)”. Pelo o qual a que se destina a resposta está para a *causa final*. Até aqui vimos a última definição da finalidade da causa como as outras três definições da ciência das causas – *formal*, *material* e *eficiente* – em Aristóteles e como elas atuam sobre o ser. Agora partiremos para as considerações finais desta pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o momento foi analisado que a investigação da ciência das causas a partir de Aristóteles, que está para conhecer a realidade do ser para a busca da verdade. A ciência visa uma explicação mais completa e mais detalhada do ser através do “porquê” das coisas. Dessa forma, em que consiste encontrar a verdade? A qualidade pela qual a essência do ser é pelo modo da substância. Foi visto que, a ciência das causas divide em quatro causas fundamentais como também diz sobre a razão e a origem do ser.

Entre as quatro causas analisadas pelo filósofo, uma é a *formal*, que age como determinação essencial e unificadora do ser revelando sobre o ser além dos aspectos visíveis, ou seja, revela o invisível. A *forma ato* do intelecto é indivisível e determinado. A *forma* é natureza mais do que a *matéria*, por determinar o ser. A substância é a própria *forma*, pois ela exprime o que existe na substância. A *forma* é a unidade na causa da própria continuidade, ou como o todo. A complexidade do ser em várias *formas* se reduz a unicidade. A *forma pura*, por não possuir *matéria*, não sofre mudança. A *forma* inserida na *matéria* está sujeita a mudança que passa da *potência* para o *ato*.

A outra causa é a *material*, que significa a madeira apta para a construção. Segundo Aristóteles, a *matéria* é referente a aquilo de que é feito a tal coisa, e o conjunto de condições prontas para receber a *forma*. A *matéria* é *potência* em referência a *forma* e referente a indeterminação do ser sendo absoluto em um grau menor para a *matéria primeira* como o fogo, o ar, a água e a terra, pois a sua *matéria* não se deteriora com o passar do tempo e possui na natureza movimentos eternos. A substância será *matéria* no sentido muito insuficiente, pois a *matéria* é determinada através da *forma*. A *matéria* serve para construir alguma coisa.

A terceira causa analisada é a *eficiente*, provinda da mudança e do movimento, e que está para ação externa, a ação distinta da coisa. Sobre a mudança existe a diferenciação quanto ao movimento e quanto a substância. Na mudança de movimento não ocorre à mudança de substância, por não existir algo que seja contrária a ela. A mudança de movimento ocorre entre as *categorias* de lugar, de quantidade e de qualidade, que vai de ser a ser (ou a se tornar) sem transformar a *matéria*. Entretanto, quando ocorre a mudança da substância, temos a transformação imediata da *matéria* do não-ser para ser – geração – e o ser para o não-ser – corrupção, logo, o ser vem a surgir ou desaparecer. A transformação da *matéria* muda conforme a estrutura do ser como a criança que é concebida, por exemplo, antes disso, ela não existia.

A quarta análise é a *causa final*, como a busca da razão última do ser que corresponde ao que está em vista de quê. A consequência e a realização do ser que atende a necessidade para cumprir a ação de uma determinada estrutura e uma determinada propriedade. A *causa final* não pode ser de origem acidental e nem espontânea. A realização plena é a que conclui o curso da natureza. Toda a causa visa uma finalidade, portanto, o infinito não pertence para essa causalidade por apresentar um problema físico a quantidade da natureza. O fim está para o término da atualização da *potência*. O fim último está para o alcance efetivo do ser.

Foi visto que a mudança do ser se direciona da *potência* para o *ato*. Todo o movimento é de mudança, contudo, nem toda mudança é de movimento, se considerarmos sobre a mudança da substância, pelo qual ocorre a transformação da *matéria*, podendo surgir como a geração ou do desaparecimento como a corrupção. Não há *potência* para o movimento eterno, por, justamente, não existir o ‘quando’ se iniciou o movimento, pois o *ser* está sempre em ato. Os dois seres sensíveis (corruptível e incorruptível), não podem ser comparados quanto à possibilidade da matéria, pois são de naturezas distintas, ou seja, um se destrói (corruptível), que está sempre em *potência*; a outra (incorruptível) nunca está em *potência*. Nesse sentido, os corpos celestes não fazem parte da geração e nem da corrupção, pois eles estão sempre ativos e a sua origem não se destrói jamais.

Foram vistos, anteriormente, os dois gêneros dos seres sensíveis, sendo um não pertencente ao princípio da natureza a causalidade do primeiro movimento. O movimento não é capaz por si mesmo de sustentar essa ação eterna do automover-se. Todos os seres do universo movem e são movidos pelo outro. O movimento da causa é infinito. Logo, existe um movente que vem a ser o primeiro de tudo. Deve existir um “Princípio absolutamente primeiro e absolutamente imóvel, do qual depende o movimento de todo o universo. O *Primeiro Movente* é a primeira causa do movente que move permanecendo imóvel.

O *Primeiro Movente* é a substância primeira que transcende o sensível, ou seja, suprassensível desprovida de *matéria* e de *potência*. O Princípio é ato puro, imóvel e eterno. O movimento não é capaz de manter por si mesmo a eternidade do imperfeito. Deus é vida e inteligência, Ele atrai como o belo e prazeroso. O Princípio do Bem supremo mantendo a ordem cósmica. No universo existem inúmeras modalidades da causalidade, mas o *Motor Imóvel* é aquele para toda primeira ação da causalidade.

A ciência das quatro causas foi estudada separadamente, contudo, elas (as causas) estão interligadas. Pois para entendermos a *matéria*, por exemplo, foi necessária também estudar a *forma* e saber como a *forma* está inserida na *matéria*. Para toda a mudança de causa pode existir uma ação interna ou externa exercendo sobre o ser. Toda causa age por uma finalidade como, como pode ser exemplificado, os seres vivos que se movem por questões de sobrevivência.

Para compreendermos a mudança do ser, a causa está associada, tanto ao movimento que muda o ser, sem que a *matéria* seja transformada, quanto para a substância que muda quanto à estrutura da *matéria* e a ação está da *potência* para o *ato*, e outras somente para o *ato* como *forma pura*. Todo o estudo da causalidade foi para saber a origem das coisas e com a finalidade principal em Aristóteles em busca da verdade.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Física I e II*: Prefácio, introdução, tradução e comentários de Lucas Angioni. Campinas: Unicamp, 2009.
- ARISTÓTELES. *Metafísica: Texto grego com tradução*. Tradução: Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002. Vol.2.
- BERNHARDT, Jean. *Aristóteles*. In: CHÂTELET, Francois (org). História da Filosofia. Trad: Maria José de Almeida. 2.d. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p. 121-166.
- BERTI, Enrico. Apodíctica e dialética. In: BERTI, Enrico. *As Razões de Aristóteles*. Tradução: Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 1998, p. 3-42.
- BRÉHIER, Émile. Aristóteles e Lineu. Período Helenístico. In: BRÉHIER, Émile. *História da Filosofia*. Tradução: Eduardo Sucupira Filho. São Paulo: Mestre Jou, 1977, p. 132-208.
- IDE, Pascal. A finição da definição. In: IDE, Pascal. *A Arte de Pensar*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PELLEGRIN, Pierre. *Vocabulário de Aristóteles*. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

REALE, Giovanni. *Metafísica de Aristóteles: Ensaio Introdutório*, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução: Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002. Vol.1.